

APRESENTAÇÃO – DERIVAS DO PATRIMÔNIO NOS LUGARES, NAS PERTENÇAS, NAS COISAS

A presente coletânea traz à luz alguns dos trabalhos de docentes que integram a linha de pesquisa Patrimônio, Imagens e Memória do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA), que tem como participantes os professores e as professoras Carlos Caroso, Fátima Tavares e Livio Sansone, da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Ana Paula Comin de Carvalho, da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), e, mais recentemente, conta com a participação de João Pacheco de Oliveira Filho na condição de recém-chegado professor visitante na UFBA, cuja contribuição para o fortalecimento dos estudos na temática é expressiva e amplamente reconhecida.

Somam-se a estes o professor Gabriel Omar Alvarez, que atualmente se encontra na Universidade de Alagoas (UFAL), participando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) e no Laboratório de Antropologia Visual de Alagoas (Aval), que vem colaborando com os trabalhos dos docentes da linha e contribuindo com o desenvolvimento de Antropologia Visual entre nós desde o ano de 2020; e Francesca Bassi,

da UFRB, que previamente contribuiu com as atividades docentes e de pesquisa no PPGA, na condição de Estágio de Pós-Doutorado, e, mais recentemente por meio de sua participação no grupo de pesquisa ObservaBaía e de projetos de pesquisa conjuntos com seus participantes.

A participação de Samila Ferreira e Rodrigo Torres – bolsista de pós-doutorado da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) no PPGA/UFBA –, nesta coletânea, tem especial importância para as discussões do projeto Archemar e dos aspectos virtuais de um futuro Museu Aberto da Baía de Todos os Santos (MABTS), na forma de uma provável parceria entre a UFBA e Prefeitura Municipal de Salvador. Ambos os pesquisadores atualmente desenvolvem atividades de pesquisa e ensino no Centro de Investigaciones del Patrimonio Costero (Cipac), no Centro Universitario Regional del Este (Cure), Universidad de la República (UdelaR), no Uruguai, ao tempo que mantêm vínculos de pesquisa com o grupo ObservaBaía, o qual integram como pesquisadores. Destaca-se, ainda, a importante participação de mestrandos, doutorandos e egressos do PPGA/UFBA – com exceção de Carolina Cortés Silva, doutoranda em Educação da Universidad de Tarapacá (UTA), Chile –, cujos capítulos resultam de suas pesquisas já concluídas ou atuais projetos de tese, contribuindo para a diversificação de estudos encontrados na presente coletânea de textos sobre memória e patrimônio cultural.

Os programas e projetos de pesquisa que integram a linha têm como foco os estudos das dinâmicas relacionadas ao reconhecimento da importância de valorizar e proteger os bens que integram o(s) patrimônio(s) e a(s) memória(s) coletiva(s), assim como o próprio registro e construção do patrimônio e da(s) memória(s) no cotidiano das pessoas e dos grupos sociais dos quais fazem parte – frequentemente com utilização de ferramentas audiovisuais e diferentes suportes. Esse modo de conduzir os estudos aqui apresentados tem como objetivo melhor conhecer e problematizar a extensão dos conceitos patrimônio material e imaterial, acervos de bens tangíveis e intangíveis, seu emprego social, sua percepção e valoração, mediante uma proposta de investigar os procedimentos de valorização de itens e repertórios, assim considerados e reconhecidos.

Em consonância com a sinopse definidora da linha de pesquisa, a coletânea teve três orientações principais e suas interseccionalidades, por meio dos capítulos elaborados pelos docentes e estudantes que são seus autores:

- 1) patrimônio material/tangível em suas formas e nuances – arqueológico terrestre e marítimo, patrimônio histórico e contemporâneo erigido, bens materiais que resultam da presença, intervenção e atuação humanas;
- 2) patrimônio cultural imaterial/intangível – mundo das ideias, concepções, comportamentos, artes, saberes, modos de fazer, patrimônio achado nas ruas, estradas, caminhos, trilhas, lugares de difícil acesso, paisagens no meio rural, no meio urbano etc.;
- 3) as interseccionalidades entre o patrimônio material e imaterial, que permitem diferentes leituras, compreensões e interpretações das memórias e dos significados e dos vários modos de pensar como parte de uma busca sistemática de superar as dicotomias clássicas sobre patrimônio e memória coletiva.

A partir dessas orientações teórico-metodológicas iniciais, foi possível compor um conjunto muito diverso de entrecruzamentos de abordagens, posicionamentos autorais e objetos textuais, visibilizados nas formas de relação com as questões do patrimônio. Buscando construir algumas trilhas por meio das quais foi possível seguir intenções sutis e manifestas dos nossos colaboradores, os capítulos foram distribuídos em quatro partes, de modo a rastrear ênfases e ângulos de aproximação, que borram fronteiras entre o material e imaterial e problematizam a relação com o tempo, o espaço e as condições de emergência do próprio conceito de patrimônio.

Na parte I, “Patrimônio e cidade”, temos a discussão do patrimônio que “vaza” pelo espaço público. É nesse sentido que Fátima Tavares, Carlos Caroso e Francesca Bassi abordam os conflitos e ambiguidades da cultura religiosa afro-brasileira patrimonializada em Salvador. Em seguida, Lúcia Helena Ferreira dos Santos discute os conflitos em torno da proteção de áreas naturais salvaguardadas – no caso de um parque urbano em Salvador – e os usos para fins religiosos e sociais. A disputa pelas memórias e legitimidade de ocupação de uma região central no atual município de Cabedelo, Paraíba, é o objeto apresentado por Ana Carolina Amorim da Paz. Roca Alencar apresenta uma discussão conceitual das tensões sociais que envolvem a pixação entre o uso do espaço público e sua apropriação privada. Em seguida,

Núbia Bento Rodrigues narra histórias de como as cabeças que viram estátuas expostas –no espaço público – se transformam em símbolos de uma nação. Visto da ótica dos erveiros, o Mercado Ver-o-Peso, em Belém (PA), apresentado por Khalla R. Tupinambá, é o lugar no qual se desenrolam disputas em torno do seu significado quanto patrimônio da cidade. Finalizando a primeira parte, Livio Sansone nos transporta a Cabo Verde, com as tensões entre patrimônio e espetacularização que vêm ressemantizando concepções do “negro” no “afro”.

A parte II, “Patrimônio, religião e etnicidade”, apresenta enfoques direcionados aos desdobramentos do patrimônio nas experiências e vivências de subjetividades e coletivos religiosos e étnicos. Gabriel Alvarez apresenta a histórica da casa, tombada pelo Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (Ipac), pertencente à linhagem Opô do Candomblé Ketu da Bahia, entrelaçando tradição e patrimonialização. O comércio de peças sagradas do orixá Èṣù, esculturas oriundas da Nigéria, em seu percurso até o Brasil, é mapeado por Rychelmy Imbiriba Veiga, com transformações simbólicas para os adeptos do candomblé. Carlos Caroso, Fátima Tavares e Francesca Bassi tratam da crescente importância do patrimônio cultural na construção da identidade quilombola das comunidades do município de Cachoeira, Bahia. A ativação da memória em diálogo à negritude e às relações étnico-raciais em Arica-Chile e Salvador-Bahia é objeto do texto de Luiz Carlos Silva dos Santos Junior e Carolina Cortés Silva, que finaliza a seção.

Inspirado no conceito ingoldiano de “coisa”, que situa os objetos no fluxo da vida, os textos da parte III, “Patrimônio das coisas”, problematizam as fronteiras estanques entre material e imaterial e descentralizam as agências de humanos e não humanos nos seus focos de interesse. Iniciando com Lucas Barreto de Souza, temos o mapeamento da vida social do artesanato de palha encontrado na Feira de São Joaquim, em Salvador. As contribuições e limitações do processo de patrimonialização e os atuais desafios da salvaguarda do conjunto dos Saveiros da Baía de Todos-os-Santos são abordados por Antônio Marcos de Oliveira Passos. A cadeira de Jubiabá é o centro da controvérsia narrada por Renata da Silva Cardoso, iniciada pelo sacerdote do Terreiro Mokambo, Tata Anselmo Santos, que reivindicou sua posse ao Instituto Geográfico e Histórico da Bahia (IGHB), tornando-se o primeiro

espaço religioso baiano a recuperar uma peça subtraída pela força policial. João Caetano Brandão Andrade trata dos processos de patrimonialização e salvaguarda da capoeira baiana, destacando as relações entre as comunidades de praticantes e os representantes das instituições estatais na Bahia. Breno Trindade da Silva e Ana Paula Comin de Carvalho apresentam questões de patrimonialização e salvaguarda do samba de roda em conexão com o ritual do caruru na região de Santo Amaro e Cachoeira, chamando a atenção para a indissociabilidade da música, religião, trabalho, família e território nas experiências vividas. Finalizando a terceira parte, e seguindo o mesmo tema do capítulo anterior, Cleidiana Ramos articula festa, religião e patrimônio na apresentação do Caruru de Samba, uma celebração para São Cosme e São Damião que ocorre sobretudo em comunidades religiosas de Iaçú, Bahia.

“Patrimônio e mediações da experiência” nomeia a parte IV, última seção desta coletânea, com textos que buscam problematizar as condições de possibilidade da pesquisa, produção e acesso ao patrimônio como bem socialmente legitimado. Samila Ferreira e Rodrigo Torres abordam os desafios tecnológicos e epistemológicos implicados na construção do Museu Virtual sobre o episódio do ataque à cidade de Colônia do Sacramento, Uruguai, no ano de 1763, que contou, em sua defesa, com o auxílio do navio inglês Lord Clive. As relações entre pesquisadores, arquivos e imagens são abordadas por Ismael Silva dos Santos, chamando a atenção para a distribuição das agências e nos convidando a novas formas de tratamento e abertura aos documentos. A partir da experiência etnográfica dos “Morros Vivos de Pixaim”, Waldson Costa problematiza o lugar das fotografias do espaço físico, atuando como dispositivos para acessar memórias individuais e coletivas de um grupo social. Carlos Caroso e Fátima Tavares apresentam a potência da narrativa imagética para abordar a história da produção e transformação da Festa da Ostra no quilombo do Kaonge, em Cachoeira, Bahia. Finalizando a seção e a coletânea, Luciana de Castro Nunes Novaes discorre sobre o processo de reavaliação da antiga cultura, feito pelos pankararé de Brejo do Burgo, Bahia, como método de acesso ao passado arqueológico daquele grupo, bem como a participação da pesquisadora por meio da escrita etnográfica engajada.

Nossa expectativa, enquanto organizadores e coautores de uma coletânea colaborativa, foi a de contribuir para a discussão sobre os temas e as questões provocadas pelos vários trabalhos, em busca de leituras e interpretações diversificadas que provoquem reações positivas nos autores que aqui expõem seus trabalhos.

Salvador, Bahia, 29 de fevereiro de 2024